

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

ESTRANHAS ESTRANGEIRAS¹

Assia Djebar

Escritora e historiadora, Assia Djebar é uma figura marcante da cultura argelina de língua francesa, que teve o extraordinário mérito de ser pioneira em várias frentes: foi a primeira mulher magrebina a ingressar na seleta École Normale Supérieure (Sèvres); a primeira romancista argelina; a primeira a ensinar História e Filosofia nas Universidades de Rabat e Alger; a primeira realizadora magrebina e também a primeira mulher muçulmana a ter assento na Académie de France, em 2005.

A sua carreira literária, com mais de vinte títulos de ficção, começou em 1957, com o romance *La Soif*, e viria a ser acompanhada de uma actividade cinematográfica, com a realização de três filmes. A romancista teve também uma carreira académica de relevo, levada a cabo entre os EUA, a Europa e o Magrebe.

Ces voix qui m'assiègent (1999), uma colectânea de ensaios e intervenções públicas desta intelectual, da qual se traduz aqui um breve excerto, é um excelente guia da sensibilidade literária e das questões que estruturaram toda a sua obra, com destaque para a denúncia da condição da mulher no mundo árabe, para a

¹ Assia Djebar (1999). “Étranges étrangères” in *Ces voix qui m'assiègent*, Paris: Albin Michel, pp. 196-202.

sua vivência entre línguas, costumes e culturas, designadamente em contexto de emigração, bem como para uma francofonia des-centralizada e de resistência às investidas do fundamentalismo e da autarcia, em especial na Argélia.

Estranhas estrangeiras

[...]

II

A palavra, ao longo de uma deslocação que representa, em simultâneo, transporte do corpo e do coração, necessita de maturar longamente para emergir, para renascer.

E é sobre esse primeiro silêncio – um silêncio entre duas línguas, fruto dessa trajetória de pressão e de necessidade – que me detenho: mulheres fragilizadas pela viagem, cuja reserva e cuja timidez sombria se alimentam da intuição de contactos fortuitos e frágeis para si como para as suas crianças...

Eu sei que é com uma grande facilidade que se fala da literatura da emigração na Europa: é por essa escrita emergente dos filhos da “segunda geração” que se interessam investigadores e observadores, como se estivessem ansiosos por provar que os primeiros migrantes já chegaram ao fim da errância: vejam como os filhos deles sentem necessidade de testemunhar na “nossa” língua!...

Mas não será preciso olhar para um bloqueio a montante? Porque a “barragem” existe logo no mutismo das mulheres, das mães, daquelas que foram as primeiras a chegar. São mulheres que andam por aí, às vezes ainda jovens, muitas vezes silenciosas, misteriosas, ainda que o seu mistério nada tenha de romântico; pelo contrário, continua pesado, indecifrável. É uma sombra.

No entanto, a mãe está sempre naquele que é o primeiro plano, simbólico e concreto, do quotidiano das migrações das periferias.

Enquanto não se acostuma a outra cultura, a outros hábitos, a uma outra vida, os dias que correm significam para a mulher migrante tempo de continuar a procriar e de ver crescer os filhos. Estes hão de ir para a escola dos Outros e tornar-se-ão pouco a pouco semi-estrangeiros das suas origens; serão de algum modo Europeus, ainda que na estranheza.

A sua forma de falar ficará arranhada pelo sotaque do país, do bairro da infância, isto é, o sotaque daqui, ainda que esse “aqui” nunca seja o “aqui” das próprias mães...

A mãe passará a sentir essa língua de fora como uma espécie de rival que lhe vem roubar o coração dos filhos, justamente aqueles que - pensava ela - iriam ser a ponte entre si e os outros. Ora, os filhos das migrantes raramente se tornam mediadores.

Em suma, essas mães – apelidadas do nome semi-bárbaro “primo-migrantes” – acabam por conservar, durante bem mais tempo do que previsto, uma mudez longa e pesada. Encontramo-las nas ruas iluminadas, silenciosas no exterior, enquanto dentro de casa, juntamente com o seu dialeto, continuam a manter os lenços, as joias e a inquietação.

Dito isto, quer-me parecer que, às vezes, elas se metamorfoseiam mais rapidamente do que se tivessem ficado na sua terra. Os inquéritos realizados nas periferias de Paris onde me calha também passar dias, confirmam-me que elas se transformam em mulheres vigorosas, com tendência para exagerar, para exacerbar o seu papel maternal, aquele que talvez sintam como a forma de proteção mais válida. Claro que, enquanto empregadas de limpeza, amas ou cozinheiras, elas acabam por cruzar-se com outras mulheres, fora do núcleo familiar, e nessa altura a sua aura maternal esmorece... Mas isso supõe entrarem no mundo do trabalho, o que é relativamente difícil.

Essas mães então – com o papel hipertrofiado de guardiãs de uma memória cristalizada – procuram reforçar o matriarcado de origem, exatamente porque ele continua a ser a única forma de identidade

visível, no contexto da errância da comunidade. Os homens, seus maridos ou pais, estão quase sempre na rua, desempregados, ao mesmo tempo que continuam como figuras ausentes dentro de casa!... Os filhos, raparigas e rapazes, envolvem-se na escola; misturam-se com os jovens de outras emigrações; alguns entram rapidamente em rutura com o seu meio, são os violentos, os desocupados, os revoltados.

Mas, estas mães não são sempre mães! Quando se juntam entre elas fora de casa, desatam de repente a rir, deambulam pelas praças, ficam paradas nas soleiras, antes de irem buscar as crianças às quatro da tarde à porta da escola. Por breves instantes, parecem elas próprias umas rapariguinhas; mas logo se recompõem e voltam a ser, graves ou duras, as vigias do Sul instaladas no coração da Europa.

Aquelas com quem me cruzo no meu atual dia-a-dia, as magrebinas da região parisiense de que ouço partes de conversa no metro, sejam de Fez ou de Tlemcen, ou de Cabília, identifico-as pelo modo como falam, e até pelo modo como riem, ou como se esquivam. Reparo também nas que vêm do Mali e do Zaire, no autocarro da periferia à noite: é a sorrir que carregam os bebés nas ancas, por vezes às costas... Penso nas Turcas que estão na Alsácia, na Holanda, nas Indianas e nas Paquistanesas que vivem na Grã-Bretanha, e que parecem sempre ter desembarcado no mês passado, embora tenham chegado há cinco ou dez anos. Na rua, apenas falam entre si; adquirem algumas novas estratégias. Em suma, revelam alguma manha, muito receio ou uma grande nostalgia.

Era preciso dizer a todas essas emigrantes da Europa de hoje – já que o ignoram - que elas estão a continuar, muito depois da Segunda Guerra Mundial, isto é, passado duas gerações, o êxodo das famílias judias que fugiram dos guetos da Europa Central para França e para Oeste. Todas elas desconhecem que perpetuam o êxodo das famílias curdas, dos refugiados cambodgianos, vietnamitas, tailandeses, assim como os “boat-people”, que ainda há pouco desembarcaram.

Elas não imaginam quanto a sua errância é muitas vezes um eco do exílio arménio dos anos 20.

Será inútil continuar a falar sobre essas histórias repetitivas das antigas migrações. Trata-se antes de fazer entender que estas mães presas à sua língua de origem, e que chegam o mais tarde possível à outra língua, acima de tudo são figuras da perseguição e do refúgio provisório. Elas continuarão como silhuetas fugitivas a procurar tecer algo que dure no acaso da instalação!

III

Talvez eu possa voltar à escrita, em paralelo com essas personagens da fuga.

Edmond Jabès, forçado a abandonar o seu Egito natal, em 1957, e a ir para Paris, já adulto, afirma: “O estrangeiro está sempre no princípio da sua história”.

Decididamente, parece-me que é através do corpo das mães que a palavra das crianças do desenraizamento começou a formar-se, tal como começou a calar-se, a esconder-se para procurar, à volta da perda do lugar de origem, palavras que tracem – esta expressão “palavras que traçam” é novamente de Jabès. É exatamente aí que acontece o inevitável transplante.

Parece que dei primazia ao estatuto da mãe enquanto metáfora da estrangeira; como se a sua missão, composta de mutismo e de invisibilidade na sociedade autóctone, fosse alimentar “de orgulho e amargura” aqueles que serão os novos proletários da Europa.

Vejo-a como a estranha estrangeira, ela que é raramente acolhida; imagino-a completamente tapada, e de cabeça erguida a olhar para o horizonte que recua diante dela, acompanhada dos filhos. Ei-la que se inscreve completamente no movimento da errância.

No entanto, para mim, os olhos dessa mãe estão estranhamente presos à nuca porque, ao caminhar, não consegue deixar de olhar

para trás! Olhos assim esbugalhados, colados atrás, já não sabem olhar: em vez disso, é o seu ser inteiro que recorda; é o corpo que irreversivelmente avança, para empurrar para a frente as crianças. Mas quanto mais a mãe chega aqui, mais ela fica presa à distância.

Lá longe, na terra aonde regressar no verão, onde sonhar, quando não mesmo onde morrer; terra aonde ela nunca voltará, mas paciência! Os olhos, atrás, transformam-se em faróis da terra perdida. Ela, a estrangeira, quase petrificou na ausência.

Os jovens de qualquer emigração encontram o entusiasmo do movimento quando se instalam na língua da hospitalidade: a segunda língua. E quanto mais esta os invade, mais a perda da outra língua – e, por conseguinte, da estátua-mãe – aumenta. Na verdade, será que se encontram entre duas línguas? Mais propriamente, numa língua a cavalgar outra, mais na nova que faz recuar a outra, a voz da mãe – aquela que dá o lugar, o terreno, mas que é ao mesmo tempo a da recordação.

Será que as matronas da errância se equilibram entre duas línguas? Eu diria sobretudo que se equilibram entre dois silêncios.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE
ANA PAULA COUTINHO
Universidade do Porto